

Vital Brazil Mineiro da Campanha – Uma carreira de lutas, conquistas e méritos em defesa contra o ophidismo

Pedro Antonio FEDERSONI JR., Silvana Campos da Rocha CALIXTO

MusIAL – Museu do Instituto Adolfo Lutz – Núcleo de Acervo
Museu – Centro de Planejamento e Informação, Instituto
Adolfo Lutz

O MusIAL (Museu do Instituto Adolfo Lutz), pertencente ao Núcleo de Acervo, tem, sob sua guarda, uma quantidade considerável de documentos escritos, fotografados e filmados. Entre eles, relatórios anuais, livros de registro de exames executados em seus laboratórios, livros agendas de laboratório, livros de técnicas laboratoriais, livros de visitas.

Entre eles, agendas diárias com registros do doutor Adolpho Lutz e seus “Ajudantes Médicos” (como eram intitulados na época). Um desses ilustres personagens, o doutor Vital Brazil Mineiro da Campanha, que ingressou no Instituto Bacteriológico, no dia 1º de junho de 1897, conforme figura anexa.

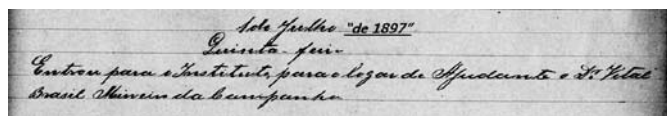


Figura 1. Caligrafia do doutor Adolpho Lutz – 1º de julho (de 1897) (quinta-feira). Entrou para o Instituto para o lugar de ajudante do doutor Vital Brazil Mineiro da Campanha

Tendo os autores amizade estreita com os descendentes do doutor Vital Brazil, devido à convivência nos 33 anos em que estiveram no exercício de funções no Instituto Butantan, criado por aquele vulto da ciência e por ter estreitado ainda mais esses laços, quando da organização

e inauguração da Casa de Vital Brazil, em Campanha, Minas Gerais, em 1988; foi feito um convite, pelo atual presidente daquela Casa (senhor Érico Vital Brazil), para que fosse escrito um capítulo, que constaria de um livro comemorativo do centenário de publicação do livro “A defesa contra o ophidismo”, escrito por Dr. Vital Brazil, em 1911. Essa obra mudou o rumo das pesquisas sobre venenos e envenenamentos por serpentes peçonhentas, tanto no Brasil, como no mundo.

Ao se passarem cem anos de sua entrega ao público; então, por iniciativa da Casa de Vital Brazil (Campanha, MG), Instituto Vital Brazil (Niterói, RJ), do Instituto Butantan (São Paulo, SP) e patrocinadores, seria editado o livro: “A defesa contra o ophidismo – cem anos depois”.

O MusIAL foi convidado a participar dessa edição histórica, mostrando excertos daquela agenda, que indicam o caminho seguido por Vital Brazil e Adolpho Lutz, no percurso de suas incansáveis pesquisas laboratoriais. O capítulo, páginas 73 a 85, teve como título: “Vital Brazil Mineiro da Campanha: uma carreira de lutas, de conquistas e de méritos em defesa contra o Ophidismo”. O lançamento do livro se deu, primeiramente, no Instituto Vital Brazil, em Niterói, em 28 de abril, e no Instituto Butantan, em São Paulo, em 4 de julho de 2011; com sessões de autógrafos pelos autores dos capítulos.

Nessa pesquisa de documentos originais, ficou patente a perseverança de um e o apoio dado pelo outro. Vital Brazil, incansável, dedicando-se inteiramente às pesquisas do Instituto Bacteriológico, desempenhando papel de químico, bioquímico, médico, legista; ora mergulhado em sua bancada, melhorando técnicas para corar tecidos e micróbios; ora em necrotérios, fazendo necropsias em suspeitos de morrerem por febre amarela, tifo entre outras enfermidades da época; ora examinando águas para possível uso humano. Em cada momento, porém, distante do atropelo do cotidiano, que havia um período livre, voltava-se para suas serpentes peçonhentas.

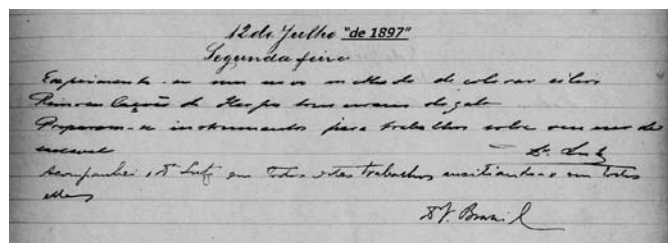
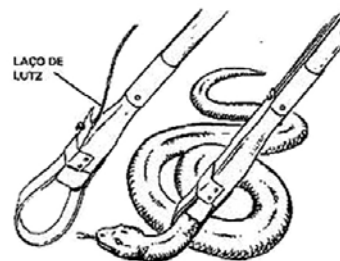


Figura 2. 12 de julho (de 1897) (segunda-feira). “Experimenta-se um novo methodo de colorar cilios. Reinoculação de herpes tonsurans do gato. Preparam-se instrumentos para trabalhos sobre veneno de cascavel – Dr. Lutz – Acompanhei o Dr. Lutz em todos esses trabalhos, auxiliando-o em todos eles.” Dr. V. Brazil

Foi tanto o empenho em salvar vidas de pessoas picadas por ofídios, que isso lhe deu como prêmio a simpatia de seu diretor Adolpho Lutz, o qual permitiu que se fizessem tais pesquisas ofídicas em local isolado, mas próximo das instalações do Instituto Bacteriológico. Lutz foi o grande incentivador de Vital Brazil, com quem discutia técnicas, meios seguros de captura dos animais na natureza, métodos de coleta e guarda das peçonhas conseguidas nas extrações cada vez mais frequentes.

Criou-se, assim, o que é conhecido desde sempre como “Laço de Lutz”, que é um “pegador seguro” de serpentes, idealizado por quem lhe deu o nome.

Tudo isso, em meio a um torvelinho de inovações, em culturas, coloração de tecidos e de seres microscópicos, necropsias em animais, acompanhamentos de experimentos *in vivo*. Naquela época, no Instituto Bacteriológico, não havia domingo, feriado, festa nacional ou religiosa; os livros eram preenchidos todos os dias com descrições de atividades as mais diversas.

Percebe-se que, no decorrer das descrições de pesquisas orientadas, havia inúmeras outras aleatórias, investigando parasitismo e infecções em animais (nem sempre animais comuns de laboratório; mas aves, como sabiás, canários do Brasil = canários da terra, tatus, gambás, burros...). Nota-se que Dr. Lutz sempre aproveitava até o último instante e ia até as últimas buscas, respeitando o animal estudado, mesmo depois de morto; procurando por parasitas e manifestações patológicas em seus órgãos internos, que pudessem levar os pesquisadores a desvendar os mistérios das enfermidades.

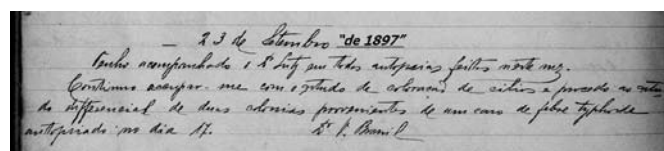


Figura 3. 23 de setembro (de 1897). “Tenho acompanhado o Dr. Lutz em todas as autopsias feitas neste mez. Continuo occupar-me com o estudo de coloração de cilios e procedo ao estudo differencial de duas colônias provenientes de um caso de febre typhoide autopsiado no dia 17.” Dr. V. Brazil

Em alguns pontos das descrições manuscritas, fica impossível digitalizá-la para publicação; motivo pelo qual apresentamos em transcrição:

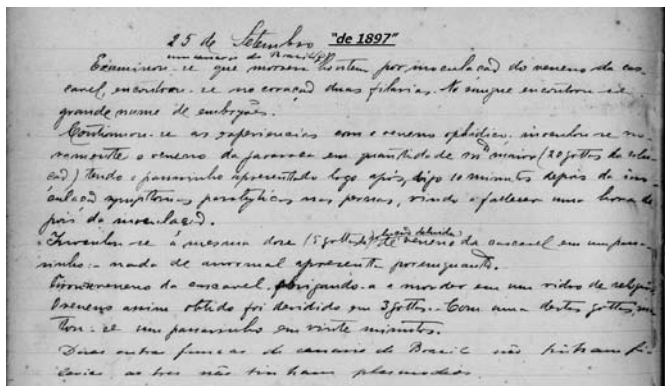


Figura 4. 25 de setembro (de 1897). “Examinou-se – um canário do Brazil (fêmea) – que morreu hontem por inoculação do veneno de cascavel, encontrou-se no coração duas filarias. No sangue encontrou-se grande nume de embryões. Continuou-se as experiências com o veneno ophidico; inoculou-se novamente o veneno de jararaca em quantidade mto maior (20 gottas da solução) tendo o passarinho apresentado logo após, digo 10 minutos depois da inoculação simptoms paralyticos nas pernas, vindo a falecer uma hora depois da inoculação. Inoculou-se a mesma dose (5 gottas da solução diluída) de veneno de cascavel em um passarinho: - nada de anormal apresenta por enquanto. Tirou-se, veneno da cascavel obrigando-a a morder em um vidro de relógio. O veneno assim obtido foi dividido em três gottas. Com uma destas gotas, matou-se um passarinho em vinte minutos. Duas outras fêmeas de canário do Brazil não tinham filarias, as três não tinham plasmódios.”

Outubro de 1899 – Transcrição de Partes de um relato do Dr. Adolpho Lutz, durante a Peste Bubônica em Santos.

“... Estive em Santos com o Dr. Ribas o dia 15 e 16 e outra vez de 17 de tarde para 19 de manhã. Observei três doentes de peste bubônica fazendo nos 2 punções de bubões para fins de cultura, trabalhando com o Dr. Vital. Tirou-se também sangue para inoculação. No dia 17 o Dr. Vital fez uma autopsia e outra no dia 18 em dous doentes fallecidos d’esta moléstia um mineiro e outro preto sergipano.

A punção de um bubão forneceu uma cultura que injetada no rato branco (coxa) em pequena quantidade produziu a morte em menos de 28 horas com muitos bacillos no baço e no lugar da inoculação. Um rato apanhado doente mostrava grande numero de bacillos mais ou menos typicos, no baço e no sangue. As culturas derão bactérias em forma de cadeias.

Depois d’estes, vi mais alguns casos clássicos dos quaes um que mais tarde falleceu, forneceu ao

Dr. Oswaldo Gonçalves Cruz (que chegou do Rio mandado pelo Governo Federal) material para culturas e innoculações. As preparações feitas com thiamina phenicada ficarão bem nítidas.

O Ajudante Dr. Vital Brazil teve uma infecção modificada por injeções de serum feitas em parte já durante a incubação. Soffri pessoalmente duas injeções uma de 18, outra de 5 grammas seguidas ambas erythema e oedema bastante forte.”

Além de ter sido um prêmio poder escrever esse pequeno testemunho da vida dos dois cientistas, foi um orgulho poder mostrar ao público que, em uma época em que pouco se tinha de tecnologia, de conhecimentos distribuídos por mídias eletrônicas, se fazia muito; talvez mais que hoje nos campos das ciências naturais, médicas e humanas.

Deixamos no final do capítulo, por nós escrito, o seguinte comentário que endossamos agora:

Em 1911, Vital Brazil publicou um livro de advertências e ensinamentos sobre o ofidismo. Seu nome se transformou em exemplo obrigatório, quando se discursa sobre perseverança. O livro intitulado “Defesa contra o ophidismo”, traduzido para o francês, foi e é um marco na história da medicina brasileira.

Ao completar seu centenário, esse livro, para nós, autores deste capítulo, significa muito mais que um roteiro percorrido entre palavras, conceitos ou diretrizes médicas. Nós que temos a oportunidade de consultar originais que demonstram aquela luta sem tréguas... Nós nos sentimos motivados a continuar nossa humilde ajuda histórica... Nós que vemos caligrafias, por vezes serenas e desprovidas de maiores percalços; mas, por outras, caligrafias vigorosas, crivadas de preocupações de vida ou morte, caligrafias não tão “cali” (= bela); mas nervosas, que se vingam diante da morte, que não pôde ser evitada... Nós temos em mãos vibrações históricas que jamais se apagarão.

Deixamos, aqui, como testemunho a nossa admiração multiplicada inúmeras vezes por esses vultos que salvaram nossos antepassados, para que os pudéssemos louvar hoje.

“A defesa contra o ofidismo” foi o “grito escrito” de um homem de valor, que soube louvar a vida; a sua própria e a de seus irmãos “brazileiros” e do mundo.

REFERÊNCIA

1. A defesa contra o Ophidismo – Edição comemorativa – 100 anos – Vital Brazil